

A conduta subjetiva do trabalhador em Lenin: proximidades ou divergências com a concepção de Taylor?

Cássia Regina Furtado Guimarães¹

Universidade Federal do Paraná (Curitiba, PR, Brasil)

João Henrique Rossler²

Universidade Federal do Paraná (Curitiba, PR, Brasil)

Este artigo resulta de um estudo sobre a concepção de V. I. Lenin acerca da conduta subjetiva do trabalhador, buscando identificar proximidades ou divergências com a concepção presente em F. W. Taylor. Em 1918, após o processo revolucionário de caráter socialista na Rússia, Lenin defendeu a aplicação do taylorismo como método de organização do trabalho nas indústrias soviéticas, defesa que tem sido criticada politicamente e por teóricos do campo da teoria social marxista. Constatamos que Lenin identifica positivities no taylorismo no que se refere à possibilidade de uma melhor organização do trabalho, visando à sua simplificação e ao aumento da sua produtividade. Contudo, concluímos que a sua concepção no tocante à conduta subjetiva do trabalhador não é a mesma de Taylor. O taylorismo pressupõe um sujeito indolente por natureza e somente passível de adaptação. De forma distinta, em Lenin, a consciência e a conduta do trabalhador são resultado das relações sociais de produção e, muito embora contraditórias, suscetíveis de transformação. Mais do que isso, é o proletariado, a partir de um aprendizado, quem deve dirigir o processo de trabalho e a sociedade.

Palavras-chave: Taylorismo, Revolução russa, Lenin, Conduta subjetiva do trabalhador.

Workers' subjective conduct in Lenin: proximity or divergency with Taylor's conception?

This study stems from research on V. I. Lenin's conception about workers' subjective conduct, seeking to identify proximities or divergencies with that of Taylor. In 1918, after the revolutionary socialist process in Russia, Lenin defended the application of Taylorism as a method to organize labor in Soviet industries. A defense which has been criticized politically and by Marxist social theory thinkers. We note that Lenin identifies positivities in Taylorism regarding the possibility of better organizing labor, aiming at simplifying it and increasing its productivity. However, we conclude that his conception regarding workers' subjective conduct differs from that of Taylor. Taylorism presupposes a subject who is indolent by nature and only capable of adaptation. In Lenin, workers' consciousness and behavior result from social relations of production which are, although contradictory, susceptible to transformation. More than that, it is the proletariat, through a learning process, who must direct the work process and society.

Keywords: Taylorism, Russian revolution, Lenin, Workers' subjective conduct.

1 <https://orcid.org/0000-0003-3228-1620>

2 <https://orcid.org/0000-0003-1639-6292>

Introdução

A análise sobre a Revolução Russa, processo ocorrido em 1917, é objeto de muitas controvérsias entre teóricos do campo da teoria social de Karl Marx (1818-1883). Uma das polêmicas trata-se da defesa do taylorismo empreendida por Lenin – Vladimir Ilyich Ulyanov (1870-1924), um dos líderes do processo revolucionário –, concebido por ele como uma avançada forma de organização do processo de trabalho que deveria ser incorporada ao socialismo, assim como tantos outros produtos técnicos e científicos produzidos pelo capitalismo.

O taylorismo caracteriza-se como um método de gerência do processo de trabalho, desenvolvido pelo engenheiro mecânico Frederick Winslow Taylor (1856-1915) no final do século XIX, nos EUA, passando a ser adotado amplamente nos países capitalistas como um sistema teórico e prático de organização do trabalho (Braverman, 2015). Findava-se um longo período de crise econômica, em que o país amargava níveis elevados de desemprego e baixa eficiência produtiva (Taylor, 1911/1995). Taylor foi ao lócus do sistema produtivo e introduziu uma proposta de racionalização do trabalho, com a qual buscava estabelecer um maior controle sobre o desempenho do trabalhador, aumentando a sua produtividade (Taylor, 1911/1995)³. Avaliava que a baixa produtividade decorria da possibilidade do trabalhador impor e controlar o seu ritmo de trabalho, produzindo aquém do que era esperado.

Assim, o método taylorista efetivou-se como uma qualificação da direção sobre o processo de trabalho, consistindo na análise de melhores condições e tempo para realização de cada operação e na definição de como cada operário deveria proceder em seu posto de trabalho. A fim de garantir a efetivação dessa direção, o taylorismo reorganizou a própria gerência, especializando-a em funções de planejamento e supervisão, com maior responsabilidade pela condução do trabalho (Taylor, 1911/1995). Aos operários caberia apenas seguir as prescrições e tarefas estabelecidas. Dessa forma, o taylorismo promoveu de forma sistemática e formal a separação entre concepção e execução do trabalho, processo dado pelo caráter social do trabalho e agudizado pelas relações sociais capitalistas (Braverman, 2015).

O sistema teórico de Taylor extrapola o enquadramento da força de trabalho: ele expressa uma concepção sobre a conduta do trabalhador, a qual almeja modificar a serviço de uma maior eficiência técnica. Segundo o engenheiro americano, o trabalhador apresenta uma indolência natural que se caracteriza por uma tendência de empregar o mínimo de esforço no trabalho e que ascende como uma força de resistência coletiva, o que ele chama de indolência sistemática. Em *Princípios da administração científica* (Taylor, 1911/1995), Taylor deixa transparecer que a sua explicação acerca da indolência natural do trabalhador se ancoraria em conceitos inatistas, advindos do campo da moral e isentos de base científica. Enquanto, por um lado, os trabalhadores são retratados de forma depreciativa por ele – “. . . nascem preguiçosos e ineficientes . . .” (Taylor, 1911/1995, p. 36) –, por outro, ele afirma que algumas pessoas já nasceriam ambiciosas e mais produtivas. Essa postura naturaliza tanto a prosperidade como a desigualdade social, pressupondo pobreza e riqueza como produtos de determinações inatas. Com a adoção da gerência científica, a indolência natural poderia ser supostamente controlada e os trabalhadores seriam adequadamente selecionados de acordo com o perfil que melhor contribuiria para a convivência harmoniosa com os empresários e a prosperidade econômica (Taylor, 1911/1995).

Mesmo difundindo uma concepção negativa acerca dos trabalhadores, atrelada aos interesses do capital e sendo alvo de resistência por parte dos sindicatos, o taylorismo foi endossado por Lenin pela possibilidade de se constituir como um eficiente método de organização do processo de trabalho no socialismo. Isso se dá tanto no contexto pós-revolucionário, em que a Rússia enfrentava

3 Segundo Braverman (2015), Taylor não criou procedimentos novos, mas sim sintetizou, sistematizou e nomeou um conjunto de práticas que já vinham ocorrendo na época.

problemas com a organização do processo de trabalho e com o abastecimento – quando, então, o método taylorista passa a ser visto como um dos mecanismos para aumentar a produtividade do trabalho (Lenin, 1926/1976, 1918/1980) – quanto anteriormente, quando se tratava ainda de uma perspectiva abstrata de adaptação do taylorismo ao socialismo (Lenin, 1914/1977b, 1933/1977c).

Vários autores têm analisado criticamente a defesa do taylorismo por parte de Lenin, bem como o que entendem ser os seus desdobramentos no processo de trabalho soviético. É o caso de Bettelheim (1983), Finzi (1986), Lazagna (2017), Linhart (1983) e Moraes Neto (1991, 2009, 2012), cujas críticas convergem ao proporem uma relação entre a adoção do taylorismo e o estabelecimento do suposto caráter autoritário do processo de trabalho soviético, o que, por fim, teria contribuído para o fracasso da construção do socialismo⁴.

Neste artigo objetivamos percorrer um caminho diferente, qual seja, investigar a concepção de Lenin acerca da conduta subjetiva do trabalhador, buscando identificar se existe uma conformidade com a concepção apresentada por Taylor. Para tanto, nos propomos analisar um conjunto de textos da obra de Lenin, nos quais, de modo direto ou indireto, o problema em questão fora abordado por ele.

Uma das preocupações de Lenin após a Revolução era com a organização da produção, descrita, inclusive, como uma das tarefas imediatas do Estado soviético. A produção, em processo de socialização, contava com recursos humanos e tecnológicos herdados do capitalismo e estava perpassada por condições conjunturais desfavoráveis. Assim, a qualificação do proletariado e sua consciência e disposição em relação ao trabalho foram temas analisados por Lenin nos textos em que abordou o taylorismo e o processo de trabalho de forma geral, em especial nas obras: *Um sistema “científico” de máxima exploração* (Lenin, 1913/1977a), de 1913; *O sistema Taylor: escravização do homem pela máquina* (Lenin, 1914/1977b), de 1914; *Cadernos sobre o imperialismo* (Lenin, 1933/1977c), escrito entre 1915 e 1916; *Tarefas imediatas do poder soviético* (Lenin, 1918/1980), de 1918; e *Uma grande iniciativa* (Lenin, 1919/1973a), de 1919.

Para investigar a concepção de Lenin acerca da conduta do trabalhador e como ela se diferencia dos fundamentos do taylorismo, tomaremos os textos supracitados como objeto de análise, a qual percorrerá neste artigo três momentos que se articulam. Primeiramente, trataremos da adesão de Lenin ao taylorismo. Num segundo momento, focaremos a expectativa de Lenin acerca da transformação da conduta de trabalho do trabalhador soviético. Por fim, teceremos algumas reflexões sobre as contradições no que tange à conduta do trabalhador soviético e às expectativas de Lenin.

Este artigo fundamenta-se na teoria social de Marx e nas produções de autores do campo do marxismo, para análise mais geral do problema, e na contribuição de teóricos do campo da psicologia marxista, para análise das contradições da consciência e da conduta do proletariado soviético. Pretende-se, com ele, agregar reflexões a esse polêmico debate.

A adesão de Lenin ao taylorismo

Em 1913, no artigo *Um sistema “científico” de máxima exploração* (Lenin, 1913/1977a), Lenin afirma que a racionalização promovida pelo método taylorista no processo de trabalho, dentro de um cenário de manutenção da jornada e de produção de mais-valia, levava a um maior desgaste físico e mental da força de trabalho. Ainda, segundo ele, o processo ocasionava a diminuição

4 Reconhecemos neste estudo a contribuição dos autores mencionados para a análise do tema. Contudo, consideramos algumas lacunas que merecem reflexões futuras, em especial a vinculação entre a adoção do taylorismo e o fracasso da construção do socialismo na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) (Lazagna, 2017; Linhart, 1983; Moraes Neto, 1991, 2009, 2012) – tese a qual, em nossa avaliação, exigiria a demonstração do desenvolvimento da indústria soviética em sua totalidade e do papel concreto ocupado pelo sistema taylorista nesse processo ao longo dos anos. Em vários textos, Marx (Marx, 1867/1986, 1867/2008, 1847/2009, 1939/2011) analisa as repercussões da indústria moderna na força de trabalho, bem como suas contradições no que se refere ao valor de uso das forças produtivas e as relações sociais capitalistas, discussão que precisa ser posta no movimento de análise do taylorismo.

do número de trabalhadores empregados, tendo como consequência a elevação do desemprego e a exclusão de trabalhadores considerados menos aptos, isto é, aqueles que não conseguiam se adaptar às exigências impostas pela organização do trabalho, a qual tomava como parâmetro o desempenho de uma pessoa mais hábil e, normalmente, mais jovem. O artigo foi derivado de uma conferência em que se debateu o taylorismo e em um contexto de movimentos de resistência nos EUA e na França, especialmente da parte dos sindicatos⁵.

Um ano depois, embora ainda reafirmasse suas críticas, Lenin qualifica a sua posição em relação ao taylorismo, destacando algumas positivities. No artigo *O sistema Taylor: escravização do homem pela máquina* (Lenin, 1914/1977b), afirma que os efeitos nocivos do sistema de gestão em questão decorriam das relações sociais capitalistas, passíveis de alterações no socialismo. Segundo ele, sob uma nova base econômica e sob o controle operário, o taylorismo proporcionaria o aumento da produtividade do trabalho e viabilizaria a redução da sua jornada, possibilitando melhoria na qualidade de vida dos trabalhadores. Essa posição seria mantida após a Revolução Russa, quando então Lenin passa a integrar o grupo dirigente do Estado proletário soviético, defendendo a adaptação do método taylorista ao processo de trabalho industrial. Sua posição está expressa no artigo *Tarefas imediatas do poder soviético*, de 1918:

Em comparação com as nações avançadas, o russo é um mau trabalhador. E não podia ser de outro modo sob o regime tsarista e com a vitalidade dos restos do regime de servidão. Aprender a trabalhar – esta é a tarefa que o Poder Soviético deve colocar em toda a sua envergadura perante o povo. A última palavra do capitalismo neste aspecto, o sistema de Taylor – tal como todos os progressos do capitalismo –, reúne em si toda a refinada crueldade da exploração burguesa e uma série de riquíssimas conquistas científicas no campo da análise dos movimentos mecânicos no trabalho, a supressão dos movimentos supérfluos e inúteis, a elaboração dos métodos de trabalho mais corretos, a introdução dos melhores sistemas de registro e controle, etc. A República Soviética deve adotar a todo o custo as conquistas mais valiosas da ciência e da técnica neste domínio. A possibilidade de realizar o socialismo é determinada precisamente pelos nossos êxitos na combinação do Poder Soviético e da organização soviética da administração com os últimos progressos do capitalismo. Tem de se criar na Rússia o estudo e o ensino do sistema de Taylor, a sua experimentação e adaptação sistemáticas (Lenin, 1918/1980, p. 574).

Para Lenin, a transição socialista deve incorporar os avanços técnico-científicos do capitalismo, o que ganha mais destaque na conjuntura socioeconômica pós-revolucionária. O Estado soviético iniciava as medidas de transição ao socialismo: expropriação da propriedade privada de empresas, nacionalização das terras e bancos, organização e controle da produção e distribuição, isso em meio aos danos causados pela Primeira Guerra Mundial, como o fechamento de empresas, o significativo desemprego, a falta de combustíveis e alimentos e a fome (Borodíne & Famínski, 1983). A tentativa de recuperação logo foi acompanhada pela contraofensiva por parte de países imperialistas, tendo início uma guerra civil que perdurou até 1921. Parte do território russo foi tomado por invasores e algumas regiões, que forneciam alimentos, matérias-primas e combustíveis foram isoladas (Borodíne & Famínski, 1983).

É sob essas condições e para resolver a questão da produtividade do trabalho que Lenin reitera a defesa do taylorismo (Lenin, 1926/1976a, 1918/1980). O Estado soviético tentava implantar medidas de centralização e planejamento da produção e distribuição, entretanto, deparava-se com limites da força de trabalho, tanto no que se referia à sua qualificação técnica, quanto à sua disposição em relação ao trabalho dentro da produção coletiva (Lenin, 1926/1976a, 1918/1980).

5 Além do aspecto do maior desgaste dos trabalhadores, também problematizado por Lenin em 1913, destaca-se a crítica feita então de que o taylorismo teria diminuído a autonomia do trabalhador no processo de trabalho. De acordo com Braverman (2015), a principal resistência se deu por parte dos sindicatos de trabalhadores de ofício, isto é, daqueles que ainda detinham algum domínio em relação ao trabalho e que não queriam se submeter a um processo de trabalho "acerebral". Como exemplo, menciona o ofício de mecânico, que ainda planejava e executava muitas tarefas da produção de um dado produto (Braverman, 2015).

Comparado com o proletariado de outros países, o trabalhador russo apresentava um atraso na sua qualificação técnica, situação que foi agravada pela composição de um novo proletariado fabril (Linhart, 1983). Com a escassez de alimentos e com a fome provocadas pelas guerras, aumentou a mobilidade e o absenteísmo por parte dos trabalhadores, os quais acabavam mudando de emprego em busca de melhores remunerações ou migrando para outras cidades e para seus povoados de origem, em áreas rurais (Bettelheim, 1976). Além disso, parte dos operários diretamente implicados com o processo revolucionário foi deslocada para a guerra e designada para realizar tarefas de administração do Estado. Por consequência, um novo perfil de operário se desenvolvia: menos implicado politicamente e com debilidades técnicas. Surgia um operariado que necessitava aprender a trabalhar. E é nesse sentido que Lenin, em 1918, fazia o apelo:

Faz cuidadosa e honestamente as contas do dinheiro, gere de modo económico, não sejas preguiçoso, não roubes, observa a mais rigorosa disciplina no trabalho – estas são precisamente as palavras de ordem que, justamente ridicularizadas pelos proletários revolucionários quando a burguesia encobria com discursos semelhantes o seu domínio como classe dos exploradores, se tornam agora, depois do derrubamento da burguesia, as palavras de ordem principais e imediatas do momento. É a realização prática destas palavras de ordem pela massa dos trabalhadores constitui, por um lado, a única condição para salvar o país, martirizado quase até a morte pela guerra imperialista e pelos abutres imperialistas (com Kérenski à cabeça) e, por outro lado, a realização prática destas palavras de ordem pelo Poder Soviético, com seus métodos, na base das suas leis, é necessária e suficiente para a vitória definitiva do socialismo (Lenin, 1918/1980, p. 563).

As dificuldades também provinham dos operários favoráveis à revolução e à expropriação da propriedade privada dos meios de produção. Os trabalhadores se uniam contra os seus patrões, mas não compreendiam que a constituição da produção social naquele momento de transição, somado ao momento crítico da guerra, implicava na centralização e na subordinação ao Estado. Ao contrário, queriam de forma independente gerir as fábricas, definindo o que produzir, a quem vender e por quanto vender (Bettelheim, 1976). Para Lenin (1918/1980), ainda existiam entre os trabalhadores os resquícios de uma consciência burguesa, própria do capitalismo, que se expressava na defesa de valores individualistas.

É nesse contexto, então, que Lenin reitera a adesão ao taylorismo e defende outras medidas de maior controle na gestão do processo de trabalho, como a direção unipessoal das empresas e a adoção de medidas coercitivas para promover a disciplina no trabalho (Lenin, 1926/1976a, 1918/1980)⁶. Esses são temas que abordaremos no próximo item.

A expectativa de Lenin sobre a transformação da conduta subjetiva do trabalhador soviético em relação ao trabalho

É inegável a influência de Taylor sobre a proposição de Lenin quanto à organização do processo de trabalho soviético. A conjuntura econômica da Rússia pós-revolução leva Lenin à expectativa de que o método taylorista poderia contribuir com a disciplina necessária para aumentar a produtividade do trabalho. E a sua defesa vai além. O revolucionário russo via no taylorismo, com seus estudos

⁶ Lenin também defende o emprego de especialistas técnicos oriundos de cargos de chefia durante o czarismo, o que assume como uma questão problemática, contraditória e passível de consequências nefastas. Entretanto, considera uma medida necessária, uma vez que eram esses especialistas que até então dominavam as técnicas sobre o processo industrial e que precisariam garantir a sua continuidade, até o momento em que o proletariado se qualificasse tecnicamente e em condições de gestão (Lenin, 1918/1980). A importância e dependência dos especialistas técnicos até então atrelados ao czarismo diminuiria na proporção que aumentasse a qualificação e o domínio pelo proletariado.

dos tempos e movimentos desempenhados no trabalho, a possibilidade de tornar as tarefas mais padronizadas, mais simplificadas e assim acessíveis a todos os trabalhadores (Lenin, 1933/1977c). Segundo Finzi (1986), tal concepção respalda-se em uma expectativa de organização da indústria moderna, contribuindo com a socialização e o planejamento centralizado da produção.

Entretanto, ainda que influenciado pelo engenheiro americano, a concepção que fundamenta a análise subjetiva do trabalhador em Lenin não é a mesma de Taylor e precisa ser evidenciada, compreendendo que dela surgem elementos de contradição expressos idealmente, mas que também se objetivam na construção do processo de trabalho soviético.

Para Taylor (1995), a conduta dos trabalhadores está determinada por fatores intrínsecos, inatos, ocultando dessa forma as determinações das relações sociais na constituição da subjetividade e naturalizando as diferenças entre os indivíduos. Caberia ao método sistematizado pelo engenheiro americano adaptar os trabalhadores ao processo de trabalho, de forma que fossem mais úteis aos interesses do capital. Para aqueles que não se adaptassem, a solução seria a demissão. Dessa forma, Taylor corrobora uma explicação ideológica dos processos subjetivos constitutivos dos trabalhadores, utilizando-a como fundamento para exercer o controle produtivo e a ampliação da acumulação do capital.

Ao contrário, Lenin explica a conduta do trabalhador russo pelas determinações das relações sociais de produção capitalistas, dessa forma, entendendo-a como passível de transformação. Idealiza a constituição do proletariado como classe, como agente de domínio do processo de produção e de organização da sociedade. Não parte do pressuposto de uma subjetividade inerte, limitada e fadada ao controle por mecanismos externos. No mesmo texto que defende a adoção do taylorismo, Lenin afirma que a consolidação do socialismo dependia da ocupação da administração da sociedade pelo proletariado⁷ e que métodos de participação popular deveriam ser estudados e experimentados (Lenin, 1918/1980).

Lenin também discute a importância do proletariado se implicar com a produção quando defende a emulação socialista. Essa correspondia a ações que promovessem outro perfil de trabalhador com características até então pouco desenvolvidas – como a iniciativa, a desenvoltura, a responsabilidade, o cuidado com o trabalho – e que agissem de forma deliberada para a melhoria do processo de trabalho (Lenin, 1929/1976b). Além disso, seria promovida pela adoção de medidas que propiciassem a reflexão dos trabalhadores quanto aos problemas existentes no cotidiano da produção (Lenin, 1926/1976a, 1918/1980). Dessa forma, a emulação não consistia apenas incentivar o trabalhador a assumir uma maior responsabilização com o trabalho, mas também em convocá-lo a um envolvimento ativo, no sentido de identificar problemas e buscar soluções, como parte do processo de construção do proletariado como direção.

Quando são introduzidos os sábados comunistas, em 1919, Lenin tem a possibilidade de refletir sobre suas expectativas de um trabalho com conteúdo distinto, o que ele qualifica como embriões do trabalho no comunismo. Suas reflexões estão contidas em seu artigo *Uma grande iniciativa* (Lenin, 1919/1973a). Segundo o autor, era preciso estabelecer uma nova organização do trabalho, que fosse mais avançada do que aquela desenvolvida no capitalismo. Nesse, a organização era baseada na disciplina imposta externamente, por meio da violência física, da opressão ou pelo temor do trabalhador em relação ao desemprego e, conseqüentemente, à impossibilidade de satisfazer suas

7 Nesse texto Lenin defende que a participação na administração da sociedade deve ser complementar à jornada de trabalho. Não se ignora que em outro artigo, que acabara não sendo publicado na ocasião – *Primeira versão do artigo tarefas imediatas* (Lenin, 1926/1976a) –, Lenin tinha a expectativa de uma jornada diária de trabalho de seis horas e quatro horas de trabalho na administração do Estado, o que não se consolidou pelas dificuldades conjunturais (Linhart, 1983). Entretanto, importa destacar que a redução da jornada de trabalho na Rússia já havia sido decretada em 29 de outubro de 1917, passando para oito horas diárias e quarenta e oito horas semanais. Além disso, ficou proibido o emprego de menores de 14 anos, e aos jovens de 15 a 18 anos ficou estabelecida jornada de seis horas diárias, sendo proibido o trabalho noturno, a realização de horas suplementares e em locais subterrâneos (Borodíne & Famínski, 1983). Destacamos, ainda, que em 1913 a jornada diária de trabalho era de dez a doze horas e no período da Primeira Guerra chegou a ser de quatorze a dezesseis horas (Borodíne & Famínski, 1983).

necessidades de sobrevivência. Ao contrário, a disciplina comunista deveria ser fundada na vontade consciente, pela compreensão da sua necessidade (Lenin, 1919/1973a).

Em 1920, Lenin analisa que o desenvolvimento intelectual e cultural do proletariado era necessário para que esse assumisse para si a construção do socialismo (Lenin, 1920/1973b). A essa necessidade somava-se a relevância da organização do trabalho e a importância do desenvolvimento tecnológico e dos empreendimentos de infraestrutura (Lenin, 1920/1973b). Entretanto, ainda que o proletariado devesse assumir a direção do processo de trabalho, Lenin problematiza que essa posição não se daria de imediato. Para ele, os trabalhadores haviam sido formados no capitalismo em uma condição subalterna, sem poderem resolver as questões práticas do seu trabalho e, portanto, inibidos, não teriam desenvolvido sua capacidade de organização. No capitalismo, a produção era assunto privado dos capitalistas, não sendo permitido aos operários conhecerem e dominarem os seus pormenores. No socialismo, a produção teria que ser desvendada, passar ao conhecimento e à direção dos trabalhadores, o que exigiria tempo de aprendizagem e de educação teórica e prática (Lenin, 1918/1980).

Para Lenin (1926/1976a), contudo, a direção política pelo proletariado não assegurava a esse o agir livremente, sem submissão a um plano geral e sem responsabilização individual. Essa posição fundamenta-se no entendimento do caráter social do trabalho, ou seja, na consideração de que é preciso organizar os trabalhos individuais, compondo uma única força coletiva, bem como na concepção política do centralismo democrático. O proletariado, por meio de instâncias coletivas, definia as leis, as resoluções, as normas, bem como elegia e destituía os cargos de direção. Uma vez estabelecido um plano, esse deveria ser executado. Para Lenin, o centralismo democrático era diferente do centralismo burocrático, em que não caberia discussão mais ampla nas instâncias de base, ou do anarquismo, que deixava as pessoas livres para agirem de forma independente (Lenin, 1926/1976a, 1918/1980).

Nesse contexto insere-se a defesa da direção unipessoal, que teria a finalidade de conduzir o processo de trabalho de forma orquestrada, com uma mesma finalidade. A direção deveria gozar de liberdade apenas no plano executivo, ou seja, técnico, sendo submetida às decisões políticas mais amplas com a participação dos soviets. Quanto mais organizadas e capilarizadas as instâncias políticas, mais eficiente seria o controle sobre a direção unipessoal. Para Lenin, essa seria a forma de evitar que ocorresse a “deturpação burocrática da organização soviética” (Lenin, 1918/1980, p. 585).

Por sua vez, a coerção é justificada como meio de enfrentamento aos antigos exploradores, que estavam atrelados à burguesia internacional e inseridos no processo produtivo, sabotando a produção e tentando obter vantagens pessoais, uma vez que eram contra as medidas de caráter socialista. Ao mesmo tempo, a coerção não seria estática, pois tenderia a se modificar na medida em que se alterassem as condições que justificavam seu emprego. No momento em questão, o proletariado ainda era pouco desenvolvido, a burguesia impunha uma ofensiva e a guerra havia agudizado as fragilidades pessoais e reforçado o egoísmo, o que tornava a coerção na sua forma mais rígida um mal necessário (Lenin, 1926/1976a, 1918/1980).

Algumas considerações sobre as contradições da consciência e da conduta subjetiva do trabalhador soviético

A Revolução Russa de 1917 constituiu-se como uma revolução política socialista, pois alterou a forma jurídica de propriedade, passando de privada à coletiva. O processo resultou das contradições do capitalismo no plano mundial e não do desenvolvimento de contradições internas entre as forças produtivas e relações sociais de produção, conforme elaboração abstrata de Marx como condição para uma revolução. As forças produtivas na Rússia e as suas correspondentes relações sociais ainda

não tinham alcançado o patamar do desenvolvimento mais avançado do capitalismo. Desse modo, a transição socialista nesse país esteve marcada pela necessidade de desenvolver as forças produtivas, fazendo-as alcançarem o patamar capitalista, e até que se constituíssem como forças produtivas de caráter socialista era preciso recorrer àquelas já existentes, produzidas no capitalismo (Germer, 2009).

A transição socialista na Rússia esteve, portanto, marcada pelo caráter híbrido da estrutura material da sociedade, pelo convívio e inter-relação de elementos do modo de produção que se definha e do novo modo de produção em desenvolvimento (Germer, 2019). E, a partir da análise de Germer (2019), inferimos que esse caráter híbrido também estava presente na superestrutura social. A consciência social e individual do proletariado russo estava marcada por contradições. Embora a classe trabalhadora russa tivesse vivenciado a exploração de seu trabalho, por parte dos proprietários, e tenha reagido a ela com o processo revolucionário, sua consciência, as ideias sobre si, sobre o trabalho e sobre a sociedade ainda continham elementos de conteúdo ideológico, vinculados à concepção de mundo da aristocracia e da burguesia. E, para Lenin (1926/1976a, 1918/1980), a consciência ainda vinculada a uma concepção de mundo burguesa era um dos elementos que dificultava a gestão das empresas e precisava ser modificado.

Na medida em que a revolução política foi realizada, transformando a forma jurídica da propriedade e implantando o planejamento integrado da produção e distribuição a partir do Estado, poderiam se estabelecer as condições para um desenvolvimento intencional e planejado das forças produtivas, que iriam adquirir progressivamente um caráter socialista (Germer, 2019). Em paralelo, a transformação da consciência do proletariado russo também poderia ser promovida conformando-a a conteúdos mais coletivos, superando o ser social burguês. E as proposições de Lenin, no que tange a criar condições educativas para que os trabalhadores compreendessem e assumissem a produção e a direção da sociedade, convergem nesse sentido.

Todavia, as transformações na conduta relacionada ao trabalho perpassam um complexo processo. O desempenho do trabalhador na atividade do trabalho se constitui a partir de um conjunto de habilidades técnico-operacionais, as quais dependem do desenvolvimento de determinadas capacidades psíquicas (planejamento, regulação e atenção voluntária), dos conhecimentos adquiridos anteriormente ou na própria atividade e da formação de hábitos (Rios & Rossler, 2017). Esse desempenho vai além do domínio de habilidades técnico-operacionais, pois se vincula também à esfera motivacional da personalidade, relacionada às relações interpessoais, aos afetos, interesses e motivações do trabalhador (Rios & Rossler, 2017). Portanto, para que haja uma transformação objetiva da sua conduta pessoal em relação ao trabalho é preciso que também ocorra uma transformação subjetiva, isto é, de sua consciência, dos sentidos⁸ em relação ao trabalho. Isso, porém, não significa um processo independente e interno ao indivíduo, pelo contrário, pois a subjetividade é produzida por condições objetivas (Duarte, 2004) e essas precisam ser modificadas para que ocorra uma mudança no perfil do trabalhador.

Almeida, Abreu e Rossler (2011), analisando as mediações sociais e psicológicas entre a consciência social e o desenvolvimento da consciência individual, retomam a tese de Marx e Engels (2007) de que a consciência individual é constituída a partir da consciência social, a qual corresponde a um determinado modo de pensar, agir e sentir próprios da materialidade da produção humana em um dado momento histórico, determinado pelo grau de desenvolvimento das forças produtivas e de suas correspondentes relações sociais de produção. Segundo os autores, a consciência social em um modo de produção baseado na propriedade privada dos meios de produção, como o capitalismo – em que existe a polarização e oposição entre classes sociais – é formada a partir das relações sociais dominantes. Ou seja, é a consciência da burguesia que se universaliza, adquirindo a

⁸ De acordo com Duarte (2004), o sentido de uma ação caracteriza-se pela expressão na consciência da relação entre o objeto da ação e o seu motivo. Os sentidos dependem mais diretamente de aspectos afetivo-emocionais. Ainda que seja uma expressão individual, a constituição dos sentidos se dá objetivamente (Duarte, 2004).

forma de ideologia. E a consciência social apenas pode se transformar por consequência do surgimento de novas relações sociais de produção, o que, por sua vez, é consequência do desenvolvimento das forças produtivas. Não é possível apenas substituir as ideias que compõem uma consciência social por outras ideias, uma vez que novas relações objetivas se desenvolvem, passam a se expressar também como representações ideais, transformando a consciência (Almeida et al., 2011).

No capitalismo, além da consciência social refletir a concepção de mundo burguesa, os sentidos dos trabalhadores em relação ao trabalho também são desenvolvidos a partir da condição de exploração. Os sentidos são determinados pelas condições objetivas que levam o trabalhador a trabalhar, as quais, nas relações capitalistas, estão dadas pela obrigatoriedade em vender a sua força de trabalho em troca de um salário (Duarte, 2004). Portanto, para o trabalhador, o sentido do trabalho está no salário, por meio do qual poderá acessar os produtos necessários para suprir as suas necessidades, assim como para o capitalista seu sentido está na produção de capital (Duarte, 2004).

Embora o trabalho tenha um caráter social, na medida em que a reprodução social da humanidade depende das diversas atividades realizadas por pessoas distintas, a alienação⁹ não permite que o sentido do trabalho esteja relacionado ao conjunto do trabalho e nem vinculado à sua função social. O trabalhador fica limitado à sua existência individual, não se reconhecendo nos demais e nos interesses coletivos (Rios, 2015). E, assim como a consciência social, os sentidos pessoais também se transformam somente na medida em que as condições objetivas que produzem o trabalho são transformadas.

Entretanto, segundo Almeida et al. (2011), é possível que no seio de uma dada consciência social se desenvolvam consciências dela divergentes, uma consciência proletária, com conteúdo contraideológico. Isso é possível quando o sujeito vivencia novas apropriações, pela mediação de novos conceitos, e acessa uma dada teoria que permite compreender as contradições entre as suas vivências e o que está estabelecido na consciência social. Em decorrência da contradição entre o que é vivido e o que é estabelecido socialmente, acaba se formando um conflito ou um drama interno, o qual pode produzir a transformação da consciência (Almeida et al., 2011). Da mesma forma, os sentidos em relação ao trabalho também podem se transformar, ainda que parcialmente, quando o trabalhador participa de uma organização de luta contra a exploração do trabalho, por exemplo (Duarte, 2004).

Como já afirmado, para Lenin (1926/1976a, 1918/1980), a consciência ainda vinculada a uma concepção de mundo burguesa dificultava a gestão das empresas, e a emergência de uma nova consciência social e de novos sentidos em relação ao trabalho dependiam do desenvolvimento pleno de novas relações sociais de produção. Ainda que Lenin vislumbasse a transformação humana pela constituição do socialismo e do comunismo, propunha espaços de vivência no trabalho que fossem fomentadores de uma nova consciência e, conseqüentemente, de uma nova conduta – como é o caso de suas reflexões e propostas sobre a emulação socialista e sobre os sábados comunistas, bem como de suas análises e proposições acerca da adoção do próprio taylorismo.

Lenin esperava que a utilização dos princípios organizacionais de Taylor facilitasse o trabalho e dessa forma proporcionasse uma maior apropriação de seus processos por parte do trabalhador, de modo a criar as condições objetivas e subjetivas para que ele pudesse conduzir seu trabalho de forma deliberada e consciente. Portanto, entendemos que a adoção de determinados princípios do taylorismo, por parte de Lenin, visava a contribuir objetivamente com o processo de superação das contradições da consciência do trabalhador soviético e é parte integrante, portanto, do projeto de transformação da conduta subjetiva do trabalhador soviético em relação ao seu trabalho.

9 A alienação é compreendida como um fenômeno decorrente das relações sociais de produção baseadas na propriedade privada dos meios de produção, as quais impossibilitam que os trabalhadores se apropriem dos produtos de sua atividade, ainda que sejam os produtores de fato dessas objetivações. Com isso, os trabalhadores alienam-se não só dos produtos da sua atividade, mas também da atividade em si, da relação entre os indivíduos e do próprio gênero humano (Duarte, 2004; Mészáros, 2016; Rios, 2015).

Considerações finais

Várias são as críticas a Lenin que enfatizam os equívocos sobre o seu posicionamento em relação à gestão do trabalho e sua defesa do taylorismo. Contudo, é necessário entender o problema buscando analisar as determinações e as contradições que marcaram sua época e seus posicionamentos. Sobre o tema em foco neste estudo, é necessário destacar as diferenças fundamentais entre as proposições de Lenin e o sistema de Taylor. Ao contrário do engenheiro americano, Lenin pretendia a transformação subjetiva do trabalhador. Pronuncia-se sobre a necessidade de seu desenvolvimento técnico-operacional, defendendo o acesso à educação, à alfabetização, à qualificação técnica, bem como sobre a necessidade de produzir seu desenvolvimento motivacional, o que fica evidente em suas menções sobre a necessidade de superar a consciência capitalista e de desenvolver outro sentido para o trabalho. Sobretudo, para Lenin, o trabalhador é o protagonista desse processo: é ele quem deve ativamente conduzir as transformações e não se adaptar ao projeto de outra classe, como posto na concepção de Taylor.

A compreensão do que concretamente aconteceu – se as proposições de Lenin sobre a participação dos trabalhadores puderam de fato ocorrer – exige uma análise do desenvolvimento concreto do processo de trabalho na Rússia pós-revolucionária, o que não foi objeto deste artigo. O que é possível constatar nos próprios textos de Lenin é que condições objetivas estavam perpassadas por contradições e dificuldades, e não ignoradas por ele. Dessa forma, ainda que defendesse a construção do protagonismo proletário, defendia ao mesmo tempo o maior direcionamento do processo de trabalho pelo Estado.

A concepção de Lenin acerca da organização e controle do processo de trabalho não pode ser compreendida superficialmente, apartada também dos fundamentos do centralismo democrático e, especialmente, da combinação por ele defendida entre uma participação organizada em instâncias políticas e um maior direcionamento no processo de produção, em que era necessário dar respostas rápidas e efetivas para garantir a produção da vida.

Portanto, consideramos que equacionar mecanicamente as posições do revolucionário russo aos princípios do sistema taylorista, ou limitar-se à ideia de uma adesão simplista de Lenin ao taylorismo, apartando a sua posição da totalidade de suas formulações, apenas reproduz a aparência do problema.

Referências

- Almeida, M. R., Abreu, C. B. M., & Rossler, J. H. (2011). Contribuições de Vigotski para a Análise da Consciência de Classe. *Psicologia em Estudo*, 16(4), 551-560. <https://www.scielo.br/j/pe/a/P84BBJv6VPCpRNkxBynN6PF/abstract/?lang=pt#>
- Bettelheim, C. (1976). *A luta de classes na União Soviética: Primeiro período (1917-1923)*. Paz e Terra.
- Bettelheim, C. (1983). *A luta de classes na União Soviética: Segundo período (1923-1930)*. Paz e Terra.
- Borodíne, V. V., & Famínski, I. P. (Orgs.). (1983). *Economia nacional da URSS no período transitório (1917-1937)*. Progresso.
- Braverman, H. (2015). *Trabalho e capital monopolista: A degradação do trabalho no século XX*. LTC.
- Duarte, N. (2004). Formação do indivíduo, consciência e alienação: O ser humano na psicologia de A. N. Leontiev. *Caderno Cedes*, 24(62), 44-63. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32622004000100004>
- Finzi, R. (1986). Lênin, Taylor, Stakhanov: O debate sobre eficiência econômica após outubro. In J. E. Hobsbawm (Org.), *História do marxismo; o marxismo na época da terceira internacional: A URSS, da construção do socialismo ao stalinismo* (pp. 137-157). Paz e Terra.
- Germer, C. M. (2009). Marx e o papel determinante das forças produtivas na evolução social. *Crítica Marxista*, (29), 75-95. https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo172artigo2.pdf
- Germer, C. M. (2019, 8-11 de junho). *Implicações econômicas da aliança operário-camponesa: a propriedade privada na URSS* [Apresentação de trabalho]. XXIV Encontro Nacional de Economia Política, Vitória, ES, Brasil. https://www.sep.org.br/mostrarp.php?url=/anais/2019/Sesseos-Ordinarias/Sessao2.Mesas11_20/Mesa16/161.pdf

- Lazagna, A. (2017). Lenin e o “Taylorismo soviético”: Uma abordagem crítica. *Ponto e Vírgula*, 21, 36-53. <https://doi.org/10.23925/1982-4807.2017i21p36-53>
- Lenin, V. I. (1973a). Una gran iniciativa. In V. I. Lenin, *Obras escogidas (1919-1920)* (Vol. 10, pp. 3-14). Progreso. (Originalmente publicado em 1919)
- Lenin, V. I. (1973b). VIII Congreso de los soviets de toda Rusia. In V. I. Lenin, *Obras escogidas (1920-1921)* (Vol. 10, pp. 113-136). Progreso. (Originalmente publicado em 1920)
- Lenin, V. I. (1976a). Primera variante del artículo las tareas inmediatas del poder soviético. In V. I. Lenin, *Obras completas* (Vol. 28, pp. 410-443). Akal. (Originalmente publicado em 1926)
- Lenin, V. I. (1976b). ¿Como organizar la emulación? In V. I. Lenin, *Obras completas* (Vol. 28, pp. 74-84). Akal. (Originalmente publicado em 1929)
- Lenin, V. I. (1977a). Un sistema “científico” de máxima explotación. In V. I. Lenin, *Obras completas* (Vol. 19, pp. 195-196). Akal. (Originalmente publicado em 1913)
- Lenin, V. I. (1977b). El Sistema Taylor: Esclavización del hombre por la máquina. In V. I. Lenin, *Obras completas* (Vol. 21, pp. 52-54). Akal. (Originalmente publicado em 1914)
- Lenin, V. I. (1977c). Cuadernos sobre el imperialismo. In V. I. Lenin, *Obras completas* (Vol. 43, pp. 11-413). Akal. (Originalmente publicado entre 1933 e 1938)
- Lenin, V. I. (1980). As tarefas imediatas do poder soviético. In V. I. Lenin, *Obras escolhidas* (Vol. 2, pp. 557-587). Alfa-Omega. (Originalmente publicado em 1918)
- Linhart, R. (1983). *Lenin, os camponeses e Taylor: Ensaio de análise baseado no materialismo histórico sobre a origem do sistema produtivo soviético*. Marco Zero.
- Marx, K. (1986). A Fórmula Trinitária. In K. Marx, *O capital: Crítica da economia política: Livro 3* (Vol. 2, 2a ed., pp. 271-280). Nova Cultural. (Originalmente publicado em 1867)
- Marx, K., & Engels, F. (2007). *A ideologia alemã*. Boitempo.
- Marx, K. (2008). *O capital: Crítica da economia política: Livro I* (25a ed.). Civilização Brasileira. (Originalmente publicado em 1867).
- Marx, K. (2009). *Miséria da filosofia: Resposta à filosofia da miséria, do Sr. Proudhon*. Expressão Popular. (Originalmente publicado em 1847)
- Marx, K. (2011). *Grundrisse: Manuscritos econômicos de 1857-1858: Esboços da crítica da economia política*. Boitempo. (Originalmente publicado em 1839)
- Mészáros, I. (2016). *A teoria da alienação em Marx*. Boitempo. (Originalmente publicado em 1970)
- Moraes Neto, B. R. (1991). *Marx, Taylor, Ford: As forças produtivas em discussão*. Brasiliense.
- Moraes Neto, B. R. (2009). Processo de Trabalho e Eficiência Produtiva: Smith, Marx, Taylor e Lênin. *Estudos Econômicos*, 39(3), 651-671. <https://doi.org/10.1590/S0101-41612009000300008>
- Moraes Neto, B. R. (2012). Réplica: Taylorismo, capitalismo e Marx. *Revista Sociedade Brasileira de Economia Política*, 32, 69-94. <https://revistasep.org.br/index.php/SEP/article/view/868>
- Rios, C. F. M. (2015). *O Trabalho como atividade principal na vida adulta: Contribuições ao estudo da periodização do desenvolvimento psíquico humano sob o enfoque da psicologia histórico-cultural* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Paraná]. Acervo UFPR. <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/41850>
- Rios, C. F. M., & Rossler, J. H. (2017). O trabalho como atividade principal no desenvolvimento psíquico do indivíduo adulto. *Psicologia em Estudo*, 22(4), 563-573. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v22i4.37465>
- Taylor, F. W. (1995). *Princípios de administração científica*. Atlas. (Originalmente publicado em 1911)

Endereço para correspondência
cassiarfguimaraes@gmail.com

Recebido em: 11/12/2020
Revisado em: 12/10/2021
Aprovado em: 18/10/2021

